

Recebido em 27/09/2025 e aprovado em 19/11/2025

A CONSTRUÇÃO E A EXPORTAÇÃO DA REALIDADE NA COREIA DO SUL A PARTIR DOS K-DRAMAS

Juliana Palmeirim da Silva¹
Helen Pinto de Britto Fontes²

Resumo: O texto apresenta a trajetória histórica, cultural e política dos *K-dramas*, desde suas origens na ocupação japonesa até sua consolidação nas plataformas de streaming globais, tendo como objetivo compreender como essas produções se transformaram em instrumentos de soft power e expressão cultural sul-coreana. Com base em revisão bibliográfica, referências acadêmicas e reportagens jornalísticas, a metodologia qualitativa permite discutir tanto os aspectos históricos quanto os impactos sociais do fenômeno. A fundamentação teórica articula conceitos como orientalismo, branding nacional, Hallyu e soberania cultural, questionando a influência de corporações estrangeiras na autonomia da indústria audiovisual coreana. Os resultados apontam que, embora os *K-dramas* tenham conquistado espaço e relevância global, também enfrentam desafios ligados à homogeneização narrativa e à apropriação econômica por plataformas internacionais. Além disso, destacam-se implicações sociais, como a idealização de relacionamentos e padrões estéticos que podem gerar frustrações, fetichização e riscos emocionais ou físicos. Em conclusão, o estudo evidencia que os *K-dramas* não devem ser vistos apenas como entretenimento, mas como manifestações culturais complexas que refletem os dilemas históricos e contemporâneos da Coreia do Sul, reforçando a importância de preservar sua identidade cultural e promover um consumo crítico e consciente.

Palavras-chave: Coreia do Sul. *K-dramas*. Idealização.

THE CONSTRUCTION AND EXPORT OF REALITY IN SOUTH KOREA THROUGH K-DRAMAS

Abstract: This text presents the historical, cultural, and political trajectory of K-dramas, from their origins during the Japanese occupation to their consolidation on global streaming platforms, aiming to understand how these productions have become instruments of soft power and South Korean cultural expression. Based on a literature review, academic sources, and journalistic reports, the qualitative methodology allows for a discussion of both the historical aspects and the social impacts of the phenomenon. The theoretical framework articulates concepts such as Orientalism, national branding, Hallyu, and cultural sovereignty, questioning the influence of foreign corporations on the autonomy of the Korean audiovisual industry. The results indicate that, although K-dramas have gained global relevance, they also face challenges related to narrative homogenization and economic appropriation by international platforms. Furthermore, social implications are highlighted, such as the idealization of relationships and aesthetic standards that can generate frustration, fetishization, and emotional or physical risks. In conclusion, the study shows that K-dramas should not be seen simply as entertainment, but as complex cultural manifestations that reflect South Korea's historical and contemporary dilemmas, reinforcing the importance of preserving its cultural identity and promoting critical and conscious consumption.

Keywords: South Korea. K-dramas. Idealization.

1. As origens dos K-dramas e a história da indústria televisiva sul-coreana

As séries de drama sul-coreanas surgiram na década de 1920 – no formato de rádio – devido ao desejo por entretenimento pelo Império japonês, que na época ocupava a Coreia do Sul (Kuhn, 2024). Inicialmente, de acordo com Renata Kuhn (2024), o idioma das produções era majoritariamente japonês e as estruturas eram muito influenciadas pelas produções nipônicas – que eram vistas como o tipo ideal de produção televisiva na Ásia. Com a chegada da tecnologia da televisão na Coreia do Sul, no ano de 1956, essas produções passaram a ser feitas no formato audiovisual (Mazur *et al*, 2021). O primeiro canal oficial de televisão coreana foi o chamado *Korean Broadcasting System* (KBS), que existe até os dias de hoje, e ele foi o responsável por lançar o primeiro *k-drama* em 1962 chamado de 서울의 뒷골목 (*Backstreet of Seoul*), segundo Kuhn (2024). A partir dessa produção, começou a se estruturar o formato das séries coreanas.

Na década de 1960, os recursos para produção de séries, a quantidade de aparelhos e redes televisivas, além do acesso da população a essas tecnologias, ainda eram muito limitados (Mazur *et al*, 2021). Depois de enfrentar domínios de dinastias até 1897, foi implementado o Império Coreano (1897 - 1910) e, após o seu fracasso, o país foi dominado pelo Japão (1910 a 1945) de maneira extremamente opressora e violenta. Além disso, um pouco após o fim da Segunda Guerra Mundial (1930 - 1945), aconteceu a Guerra da Coreia (1950–1953) que culminou na criação da Coreia do Norte (socialista) e da Coreia do Sul (capitalista). Diante de todos esses conflitos, a Coreia do Sul terminou com milhões de mortos e como um país empobrecido e instável, o que dificultava o acesso a artigos considerados de luxo como a televisão. Porém, foi “com o levante da ditadura militar, que a televisão foi devidamente regulamentada no país” (Mazur *et al*, 2021, p. 90) e, apesar da censura nesse período, foi possível que a Coreia criasse estruturas próprias independentes do

Japão.

Durante todo esse período, as séries televisivas – que na época eram compostas principalmente por dramas históricos, chamados de 사극 (sageuk) – eram produzidas representando exatamente o clima de tristeza e pobreza da sociedade: muitas falavam sobre sofrimentos pessoais e colocavam figuras históricas em posições de “salvadores da nação”, como, por exemplo, o Sejong³ (Bagatini, 2024). Com o passar dos anos, o governo coreano passou a adotar estratégias para tentar reverter a situação socioeconômica do país e promover o *National Branding*, ou seja, a divulgação de uma boa imagem nacional para outros países (Souza et al, 2023). Esse segundo movimento almejava fazer com que, por meio da valorização coreana, esses países comesçassem a enxergar a Coreia como um local de possível investimento.

Por uma falta de condições militares e por medo de mais conflitos com a Coreia do Norte, que tem um poderio militar extremamente forte e é muito próxima geograficamente da Coreia do Sul, iniciou-se a estratégia política chamada de *soft power*, termo cunhado por Joseph Nye Jr. (2002, apud Ouriveis, 2013) na década de 1990 que significa o incentivo para um país ganhar reconhecimento global através da sua cultura. Nesse sentido, segundo Rodrigo Souza et al (2023, p. 24), o “*soft power* estimularia relações mais duradouras, uma vez que a influência ocorre de maneira pouco agressiva”. No caso da Coreia do Sul, esse movimento ficou conhecido como 한류 (Hallyu ou Onda coreana).

Diante dessa lógica, criaram-se políticas como a Lei Básica para a Promoção da Cultura (1999) que, com o apoio financeiro de conglomerados empresariais – os chamados de 재벌 (chaebols) – promoveram o avanço das produções nacionais, entre essas estavam as séries televisivas sul-coreanas (Barros; Rabelo, 2024). Até a década de 1990, além das narrativas sobre sofrimento e tristeza nacional, muitas também falavam sobre um estilo de vida simples e rural. Porém, a partir desse período e do avanço das tecnologias, as produções começaram a adotar outras temáticas tradicionais das produções

ocidentais, como, por exemplo, os romances (Bagatini, 2024).

Apesar do investimento crescente nessas produções, nos outros países do mundo, as séries televisivas sul-coreanas ainda não eram muito visadas. O que estava em alta internacionalmente até a década de 2010 eram, principalmente, as séries estadunidenses, como, por exemplo, *Grey's Anatomy* (2005-presente), *Gossip Girl* (2007-2012), *Supernatural* (2005-2020), entre outras. Porém, com a popularização dos consumidores da cultura coreana e o avanço das plataformas de *streaming*, ocorreu uma mudança nesse interesse (Mazur *et al*, 2021).

2. A Era do *streaming* e a internacionalização dos K-dramas

As plataformas de *streaming* de vídeo evidenciam cada vez mais a força do conteúdo sul-coreano, especialmente ao observar-se o crescimento contínuo desses títulos em seus catálogos. A *Netflix*, por exemplo, começou a inserir dramas sul-coreanos por volta de 2014, com somente três a cinco títulos, que pareciam entrar e sair do catálogo em um sistema quase rotativo, sugerindo uma limitação nos direitos de exibição. Antes disso, quando a plataforma chegou ao Brasil em 2011, praticamente não havia produções sul-coreanas disponíveis. No entanto, essa realidade começou a mudar significativamente a partir de 2016, quando a *Netflix* passou a operar diretamente no mercado sul-coreano. Diferentemente do Brasil, onde o serviço introduziu a tecnologia de *streaming*, na Coreia do Sul a empresa teve que se adaptar a um ecossistema digital já estruturado, o que exigiu a aquisição de produções locais para estabelecer vínculos com o público (Mazur *et al*, 2021).

A entrada no mercado sul-coreano impactou diretamente o catálogo global, incluindo o brasileiro, que passou a receber mais títulos coreanos. Com o passar dos anos e, especialmente após a pandemia em 2020 — que transformou o consumo cultural e reforçou a centralidade das plataformas de *streaming* —, o conteúdo sul-coreano ganhou ainda mais visibilidade e relevância. De acordo com uma pesquisa de Maria Mungioli *et al* (2023), para a revista *RuMoRes*, entre 2020 e 2022, houve um salto significativo no número

de títulos sul-coreanos disponíveis na *Netflix* brasileira: de cerca de 200, ultrapassou-se a marca de 400 títulos, mostrando que, ao longo de quase uma década, o conteúdo sul-coreano conquistou um espaço de destaque no consumo global de mídia.

No sentido do formato dessas produções, a estrutura “simples” que era popular antes dos anos 2000, passou a se remodelar. Antes, porém, é necessária uma explicação sobre o uso dos termos *K-drama* e *dorama* — a qual revela uma dimensão muito mais profunda do que uma simples escolha linguística. No Brasil, o termo *dorama*, derivado da pronúncia japonesa da palavra *drama* (ドラマ, *do-ra-ma*), foi amplamente adotado desde os anos 1990 e 2000, quando a cultura pop japonesa — incluindo animes, mangás e outras produções televisivas — começou a se popularizar de maneira mais marcante no Brasil. Assim, para muitos brasileiros, a palavra *dorama* se tornou uma espécie de “termo-guarda-chuva” que passou a ser usado para se referir a qualquer tipo de série asiática, incluindo os dramas coreanos, chineses e tailandeses. Parte disso se explica pela familiaridade prévia com o Japão e pela ausência, na época, de outras referências asiáticas mais amplamente acessíveis. Além disso, a semelhança entre os termos em coreano (드라마, *deu-ra-ma*) e japonês (*dorama*) para pessoas que não são familiarizadas com os dois idiomas contribui para que essa confusão se mantenha, mesmo que, simbolicamente e politicamente, tenham implicações distintas.

No entanto, adotar o termo *dorama* para se referir a produções coreanas pode perpetuar um tipo de apagamento cultural e histórico, ao desconsiderar o passado de colonização e violência imposto pelo Japão à Coreia. Esse uso não apenas ignora a individualidade cultural sul-coreana, mas também insere a discussão em uma lógica orientalista, que reduz a complexidade de diferentes países asiáticos a uma nomenclatura única. Assim, insistir no uso de uma terminologia de origem japonesa para nomear suas produções pode ser lido como um gesto de desrespeito, ainda que involuntário. Por esse motivo, a nomenclatura que está sendo adotada neste trabalho é *K-drama*.

Com a chegada dos anos 2000, a estrutura que foi sendo adotada pelas

produções era a de narrativas bem definidas, poucos episódios (entre 16 a 20 capítulos), uma única temporada e uma hora e meia de duração máxima de cada episódio (Mendonça, 2025). Além disso, o que se consolidou foi uma forma específica de pensar a narrativa e a lógica de exibição, baseada em estratégias televisivas regionais, voltadas principalmente ao público doméstico. Diante desse foco nacional das produções e com o objetivo de produzir uma boa imagem da Coreia do Sul para o exterior, as produções televisivas sul-coreanas passaram a adotar um estilo “fantasioso” de se contar histórias.

Ao se falar sobre *K-dramas*, o que logo vem à mente das pessoas que consomem esses conteúdos é como os casais demoram muito tempo para ficarem juntos, o clímax da história — que normalmente é o beijo entre os protagonistas — acontece somente no último episódio, os homens são representados como extremamente românticos e carinhosos, as mulheres estão sempre lindas e bem arrumadas, entre outros aspectos que representam o ideal de “perfeição coreana”. Nesse cenário, uma das principais diferenças entre as produções sul-coreanas e as ocidentais, especialmente no gênero de romance, está na forma como a narrativa é construída para provocar sensações mais imersivas e emocionais no público, enquanto séries americanas e europeias tendem a seguir uma abordagem mais direta e racional (Mendonça, 2025). Essa diferença na abordagem mostra como as produções sul-coreanas valorizam o emocional como eixo central da narrativa, oferecendo uma experiência que vai além do roteiro e convida o público a se sentir junto aos personagens.

De acordo com Andréia Mendonça (2025, p. 65), os *K-dramas* estão conquistando cada vez mais um público brasileiro que consome novelas nacionais porque eles “oferecem histórias inovadoras, produção de alta qualidade e uma conexão emocional diferenciada, em um formato compacto e sonoro”. Ainda que diversas em estilo e temática, todas essas produções compartilhavam uma lógica estrutural enraizada na televisão sul-coreana, com formatos reconhecíveis e consistentes, como explicado anteriormente, e que foi o que conquistou o público internacional em um

primeiro momento.

Devido ao aumento do interesse global pelas produções audiovisuais sul-coreanas, que foi percebido através de sucessos como *Descendants of the Sun* (2016), que alcançou mais de 440 milhões de visualizações na plataforma chinesa *iQiyi*, e *Goblin* (2016), com índices de audiência superiores a 20% durante a exibição do episódio final na *Total Variety Network (TVN)*, ocorreu a entrada das plataformas de *streaming* no mercado audiovisual da Coreia do Sul, as quais passaram a realizar transformações significativas no modelo tradicional. Uma das primeiras mudanças perceptíveis com a entrada desses agentes estrangeiros foi justamente a forma como os dramas começaram a ser pensados. De acordo com Daniela Mazur *et al* (2021), antes disso, a estrutura televisiva sul-coreana operava com um sistema relativamente bem estabelecido entre as emissoras públicas e privadas, com gêneros próprios, o qual é extremamente relevante na lógica de consumo local sul-coreana.

Essa diversidade de gêneros reflete a especificidade cultural da indústria televisiva sul-coreana, cuja força está, justamente, em representar uma identidade nacional por meio da ficção. Essa construção se dá principalmente pela representação de valores sociais, históricos e culturais compartilhados — como a importância da família, a ética do trabalho, os dilemas morais e as tradições locais — que aparecem nas tramas, personagens e cenários, permitindo que o público sul-coreano se veja refletido nas narrativas e criando uma sensação de pertencimento coletivo. Com o avanço do *streaming*, porém, observa-se o surgimento de novas dinâmicas de poder na indústria (Mazur *et al*, 2021). Empresas como a *Netflix*, a *Disney+* e a *Amazon Prime Video* não somente distribuem esses conteúdos para o público internacional, mas também passaram a interferir diretamente nos processos de criação. De acordo com Mazur *et al* (2021, p. 92), a Coreia do Sul “é um mercado valioso para a *Netflix*, não apenas pelos novos assinantes em potencial, como também pela possibilidade de exportação de conteúdos locais”.

Ao firmarem contratos de coprodução com produtoras coreanas, como foi o caso, por exemplo, de *Love Alarm* (2019) — produzida a partir de uma parceria da *Netflix* com a *Studio Dragon Corporation*⁴ —, essas plataformas

passaram a influenciar desde o número de episódios até a forma como os roteiros são construídos. Segundo Mazur *et al* (2021), o resultado disso é a gradual adaptação — e, em certos casos, descaracterização — de elementos tradicionais dos *K-dramas* em favor de uma lógica mais “global”, mas que, no fundo, é centrada nas expectativas de um mercado dominado pelos Estados Unidos.

Diante disso, observam-se problemas em diversas camadas. Primeiramente, há uma preocupação evidente com a soberania narrativa: ao se produzir uma série coreana voltada para o público global, mediada por interesses estrangeiros, deixa-se de lado a perspectiva nacional construída para o público interno e, assim, perdem-se nuances culturais específicas, críticas sociais locais e referências históricas que dialogam diretamente com o público doméstico. A narrativa já não é mais sobre “a Coreia falando da Coreia”, mas sim a Coreia do Sul sendo interpretada — e filtrada — por um olhar estrangeiro (Mazur *et al*, 2021). Além disso, os lucros gerados por produções de grande sucesso, como *Round 6 (Squid Game, 2019)* que, segundo dados da *Netflix* divulgados pela revista *Veja* em julho de 2025, bateu recorde de audiência na plataforma com 60,1 milhões de visualizações, são direcionados majoritariamente para as plataformas internacionais, já que a propriedade intelectual costuma ficar com essas empresas. Ou seja, mesmo que o conteúdo tenha sido 100% produzido na Coreia do Sul, com criadores, elenco e equipes locais, os maiores frutos econômicos desse sucesso não permanecem na indústria sul-coreana (Mazur *et al*, 2021).

De acordo com a publicação “Korean actors demand millions per episode, sparking production cost concerns”, do site *Chosun Biz*, de abril de 2025, além da questão financeira, há também um impacto direto na economia da indústria audiovisual local. Com o aumento da demanda por conteúdos originais, impulsionados pelo investimento dessas plataformas, houve uma inflação nos custos de produção e nos cachês dos artistas. Isso fez com que produtoras menores tivessem dificuldades em competir, e diversos filmes e séries acabassem engavetados, sem recursos para distribuição. A lógica de mercado que antes funcionava dentro de certos parâmetros

sustentáveis passa, então, a ser desestabilizada por uma força externa que dita regras e que, muitas vezes, não considera as especificidades culturais e industriais locais. Nesse cenário, o que se coloca em risco é a continuidade dessa expansão sob controle da própria Coreia.

Entretanto, é necessário reconhecer que, embora o *streaming* tenha potencializado a visibilidade dos *K-dramas* no mundo todo, também impôs novos desafios. Além da mudança de formato e duração dos episódios, a própria autonomia da indústria sul-coreana em contar suas histórias a partir de suas próprias referências, valores e prioridades também está em jogo. Manter essa autonomia, frente às pressões de um mercado audiovisual global centrado em poucas corporações multinacionais, é fundamental para garantir que os *K-dramas* não percam aquilo que os torna únicos: sua identidade cultural, suas abordagens narrativas singulares e sua capacidade de refletir — ainda que ficcionalmente — os dilemas, as dores e as potências de uma sociedade complexa e em constante transformação.

Nesse cenário, torna-se essencial observar como esses conteúdos são produzidos, recebidos e ressignificados pelo público estrangeiro. A expansão global dos *K-dramas* criou novas dinâmicas de consumo, em que o espectador não se limita a assistir passivamente, mas participa de comunidades virtuais, compartilha interpretações e constrói sentidos que, muitas vezes, ultrapassam a intenção original das obras (Mazur *et al*, 2021). Esse movimento, ao mesmo tempo que amplia a circulação cultural da Coreia do Sul, também levanta questões sobre possíveis distorções na compreensão de seu contexto social e cultural.

3. Idealizações e fetichismos: Os perigos do encantamento pelos *K-dramas*

Com a popularização dessas produções fora da Coreia do Sul, formaram-se comunidades de fãs muito engajadas, como no caso das “*dorameiras*” — um termo que se tornou popular para designar, especialmente entre o público feminino, quem acompanha assiduamente dramas asiáticos. Aqui estamos dando preferência ao uso do termo no feminino, pois, de acordo com Helena

Santos e Geórgia Souza (2023), a maioria dos fãs desses conteúdos é do gênero feminino na faixa dos 20 anos. No entanto, é importante refletir também sobre como essas representações — por mais encantadoras que sejam — contribuem para a construção de um imaginário que nem sempre dialoga com a realidade da Coreia do Sul. Tais idealizações podem gerar expectativas irreais sobre relacionamentos e reforçar padrões estéticos e comportamentais que não são universais, mas sim fruto de uma indústria cultural específica, com suas estratégias e interesses próprios.

No caso dos *K-dramas*, principalmente a figura do homem costuma ser desenhada com traços de um romantismo quase utópico: sempre sensível, paciente, respeitosa, carinhosa e, por vezes, parece estar emocionalmente disponível de uma maneira que contrasta fortemente com as imagens tradicionais de masculinidade em muitas outras culturas. Esse tipo de representação, por mais encantadora que pareça, é construída por uma indústria audiovisual com foco na exportação e consumo internacional, especialmente por um público feminino que busca, nesses conteúdos, experiências emocionais intensas e idealizadas. Como toda ficção, esses produtos oferecem uma versão dramatizada da realidade, mas o problema surge quando a linha entre o entretenimento e a realidade começa a se apagar.

A romantização excessiva de personagens masculinos nos *K-dramas* cria o que Justina Robaski e Carin Klein (2023, p. 87) chamam de “masculinidade suave”, ou seja, um tipo de masculinidade “atravessada por sentidos e códigos ligados à delicadeza, beleza, sensibilidade, empatia e cuidado, associados hegemonicamente (em nossa cultura) ao feminino”, algo que dificilmente se sustenta fora das telas. Ainda assim, muitas mulheres ao redor do mundo — influenciadas por esse retrato — passaram a alimentar o desejo de viver algo semelhante na realidade. Algumas, inclusive, viajam para a Coreia do Sul na esperança de encontrar o “homem perfeito”, como retratado nessas histórias (Lemos; Pinheiro, 2024). Esse movimento, que poderia parecer uma curiosidade cultural ou uma fase passageira de encantamento, esconde uma problemática mais profunda.

De acordo com uma matéria da *CNN Brasil* de agosto de 2023, o fetiche por homens asiáticos — conhecido como *yellow fever* — tem impulsionado essas viagens e expectativas, fazendo com que algumas mulheres acreditem que vão encontrar, na realidade, um personagem saído de um *K-drama*. O que elas ignoram, no entanto, é que esse tipo de idealização não só contribui para o fetichismo racial, colocando homens asiáticos em posições desconfortáveis, mas também as expõe a riscos reais. Muitas dessas mulheres colocam sua segurança em risco ao confiar cegamente em desconhecidos somente com base na nacionalidade ou aparência. Golpes amorosos, sequestros e até esquemas de tráfico humano têm se aproveitado desse imaginário romantizado. Um exemplo disso, segundo Ligia Lemos e Mariana Pinheiro (2024), são os criminosos que se aproveitam dessas mulheres e aplicam o golpe chamado de *Oppa Scam* (*golpe do oppa*)⁵, em que eles se passam por atores de *K-dramas* para enganar e extorquir as vítimas. Em uma matéria da *CNN Brasil*, de setembro de 2022, foi divulgado o caso de uma mulher de Ribeirão Preto, São Paulo, que perdeu 50 mil reais em um golpe aplicado por um perfil fingindo ser o famoso ator sul-coreano Park Bo-gum.

Os riscos, porém, vão muito além dos físicos e financeiros: a idealização constante desses modelos de relacionamento — sempre harmônicos, intensos e profundamente românticos —, além do físico, pode ter um impacto psicológico profundo. Nesse cenário, o consumo desenfreado de *K-dramas* para escapar da própria realidade pode distorcer a percepção que essas pessoas têm sobre o amor e sobre si mesmas. Essa fuga pode provocar frustrações, baixa autoestima, ansiedade e uma desconexão crescente com os relacionamentos reais, que são naturalmente mais complexos, falhos e imprevisíveis do que os roteiros bem amarrados das produções coreanas.

Além disso, o padrão estético elevado, tanto dos personagens masculinos quanto dos femininos nos dramas, reforça uma lógica de perfeição que também pode gerar insegurança e frustração (Amaral, 2019). Na tela, todos os personagens são visualmente impecáveis, com roupas estilosas, cabelos perfeitamente arrumados, corpos esbeltos e peles sem imperfeições. Assim como acontece em muitas indústrias de audiovisual, esse padrão visual, ao ser

constantemente reforçado, pode acabar sendo interpretado como o “normal” ou o “ideal” a ser atingido, colocando uma pressão enorme sobre a autoimagem de quem consome esses conteúdos — especialmente adolescentes e jovens adultos em processo de construção identitária. De acordo com Rafaela Amaral (2019), a influência desses padrões de beleza através das mídias faz com que, principalmente entre as mulheres, se desenvolvam distúrbios alimentares, disfunções hormonais e problemas psicológicos.

Diante desse cenário, torna-se evidente que o impacto dos *K-dramas* vai muito além do entretenimento, e não há como negar sua relevância cultural, emocional e até econômica no cenário atual da mídia global. No entanto, é essencial que o público consiga estabelecer limites entre a ficção e a realidade. Reconhecer a beleza, a sensibilidade e o valor artístico dessas histórias não significa ignorar que elas são, antes de tudo, narrativas cuidadosamente roteirizadas e produzidas. Para que o consumo desses conteúdos continue sendo saudável, é necessário um olhar crítico: entender que a “perfeição” das histórias fictícias não existe, que nenhuma cultura é monolítica, e que nenhuma estética deve ser vista como padrão absoluto.

Considerações finais

Diante de toda a trajetória percorrida, é possível perceber que os *K-dramas* não são apenas produtos de entretenimento, mas manifestações culturais complexas que refletem tanto os processos históricos da Coreia do Sul quanto suas estratégias contemporâneas de inserção no cenário global. Desde os tempos de ocupação japonesa até o atual domínio das plataformas de streaming, essas produções passaram por diversas transformações em conteúdo, forma e objetivo. A adoção da estratégia de *soft power* e o fortalecimento da *Hallyu* foram cruciais para a internacionalização dos *K-dramas*, permitindo que o país projetasse uma imagem positiva ao mundo ao mesmo tempo que consolidava sua indústria cultural. No entanto, o sucesso global trouxe consigo desafios significativos, principalmente no que diz

respeito à autonomia criativa e ao respeito pelas especificidades culturais locais.

Além das questões de soberania cultural, os *K-dramas* também suscitam debates importantes sobre a influência que exercem na construção de imaginários coletivos — especialmente no tocante aos relacionamentos e aos padrões estéticos. A forma como personagens, sobretudo masculinos, são retratados de maneira idealizada pode impactar profundamente o público, criando expectativas irreais que ultrapassam o campo da ficção. Isso se intensifica em contextos em que as fronteiras entre fantasia e realidade são diluídas, o que pode gerar frustrações, fetichização e até colocar em risco a integridade emocional e física de quem consome esses conteúdos de forma acrítica. Portanto, o consumo consciente, aliado a um olhar mais atento às implicações sociais e culturais dessas produções, torna-se uma ferramenta essencial para evitar distorções e promover uma experiência mais enriquecedora.

Por fim, é necessário reafirmar que os *K-dramas* representam uma poderosa forma de expressão cultural, carregada de valor artístico e simbólico. No entanto, para que esse potencial continue sendo bem aproveitado, é indispensável que tanto os criadores quanto os espectadores mantenham a consciência de que essas produções não existem em um vácuo — elas são atravessadas por dinâmicas políticas, econômicas e sociais. Preservar a autenticidade dos *K-dramas*, garantir a valorização da indústria cultural sul-coreana e promover uma recepção crítica e informada por parte do público global são passos fundamentais para que essas narrativas continuem sendo, de fato, um reflexo da Coreia — e não apenas uma projeção do que o mercado global espera dela.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rafaela Prado do. **Kpop**: padrão de beleza, mídia e suas implicações no cotidiano dos grupos femininos na Coreia do Sul. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design-Moda) - Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/51720>. Acesso em: 26 set. 2025.

BAGATINI, Helena Schröer. **Os K-dramas históricos como instrumentos de projeção internacional da identidade sul-coreana**: um estudo sobre a série Mr. Sunshine. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Comunicação, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/288449/001240425.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 set. 2025.

BARROS, Beatriz da Silva de; RABELO, Roberto Araújo da Silva Vasques. Um estudo sobre o k-pop como instrumento de soft power Sul-Coreano. **Revista Contribuciones A Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 10, p. 1-15, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index..> Acesso em: 26 set. 2025.

ESTADÃO CONTEÚDO. Consulado sul-coreano faz alerta após brasileira perder R\$ 50 mil em golpe. **CNN Brasil**, 21 set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/consulado-sul-coreano-faz-alerta-apos-brasileira-perder-r-50-mil-em-golpe/>. Acesso em: 26 set. 2025.

FÁBIO, Marcela. Goblin: O K-drama que uniu amor, fantasia e história em uma narrativa inesquecível. **Doramazine**, 17 dez. 2024. Disponível em: <https://doramazine.com.br/goblin-o-k-drama-que-uniu-amor-fantasia-e-historia-em-uma-narrativa-inesquecivel/>. Acesso em: 26 set. 2025.

GADELHA, Isabela. Como o fetiche por asiáticos afeta mulheres e homens amarelos, e de que maneira o k-pop impactou esse cenário. **CNN Brasil**, 16 ago. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/como-o-fetiche-asiatico-afeta-mulheres-e-homens-amarelos>. Acesso em: 26 set. 2025.

GELLI, Thiago. Temporada final de "Round 6" quebra recorde de audiência da Netflix. **Veja**, 1 jul. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/temporada-final-de-round-6-quebra-recorde-de-audiencia-da-netflix/>. Acesso em: 26 set. 2025.

KUHN, Renata Mendes. **O K-drama como instrumento de soft power da Coreia do Sul**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Comunicação, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/281924/001216069.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 set. 2025.

LE MOS, Ligia Prezia; PINHEIRO, Mariana Marques De Lima. "Oppa Scam" And Romantic Relationships In K-Dramas: Idolatry And Fan Activism In Brazil. **Brazilian Creative Industries Journal**, v. 4, n. 2, p. 256–276, 2024. Disponível em:

<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/braziliancreativeindustries/>. Acesso em: 26 set. 2025.

MAZUR, Daniela; MEIMARIDIS, Melina; RIOS, Daniel. O mercado de streaming na Coreia do Sul: disputas internas e a invasão estrangeira. **Novos Olhares**, v. 10, n. 1, p. 88-101, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/novosolhares/article/>. Acesso em: 26 set. 2025.

MENDONÇA, Andréia de Almeida. **O papel das plataformas de streaming no aumento do consumo de produções audiovisuais sul coreanas: o caso dos k-dramas no Brasil**. 2025. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e Audiovisual) Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/81972>. Acesso em: 26 set. 2025.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; LEMOS, Ligia Prezia; PENNER, Tomaz Affonso. K-dramas originais Netflix no catálogo brasileiro: melodrama e literacia midiática. **RuMoRes**, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 55–76, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/Rumores/article/view/215298>. Acesso em: 26 set. 2025.

OKEN. Korean actors demand millions per episode, sparking production cost concerns. **ChosunBiz**, 11 abr. 2025. Disponível em: <https://biz.chosun.com/en/en-entertainment/2025/04/11/6AJF2QBUDNBWPAVQFPMQPP5ZU/>. Acesso em: 4 mar. 2026.

OURIVEIS, Maíra. Soft power e indústria cultural: a política externa norte-americana presente no cotidiano do indivíduo. **Revista Acadêmica de Relações Internacionais (RARI)**, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, n. 4, v. 2, p. 168-196, set./dez. 2013. Disponível em: https://rari.ufsc.br/files/2013/10/RARI-N_4-Vol.-II-Completa.pdf. Acesso em: 4 mar. 2026.

PARK, Anna. Descendants of the Sun (Descendentes do Sol – 2016): O romance militar coreano que conquistou a Ásia. **Korea Friends**, [S.D.]. Disponível em: <https://koreafriends.com.br/dependants-of-the-sun-descendentes-do-sol/>. Acesso em: 26 set. 2025.

ROBASKI, Justina Bechi; KLEIN, Carin. Masculinidades suaves no k-drama Hello, My Twenties! **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 32, n. 72, p. 82-96, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/faeaba/article/view/17659>. Acesso em: 26 set. 2025.

SANTOS, Helena Maria Braz dos; SOUZA, Geórgia Cynara Coelho de. O fenômeno K-drama no Brasil. **Anais da 12ª Semana de Cinema e Audiovisual da UEG e 2º Encontro das Escolas de Cinema e Audiovisual do Brasil Central**, v. 10, n. 1, p. 1–6, 2023. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/sau/article/>. Acesso em: 26 set. 2025.

SOUZA, Rodrigo Otero Fernández; MOTA, Aline Carolina da Rocha; NÓBREGA, Giovanna Leal; LEITE, Alexandre César Cunha. A projeção internacional da Coreia do Sul através do K-pop como produto cultural. **Conjuntura Internacional**, v. 19, n. 1,

p. 23-37, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.pucminas.br/conjuntura/article/view/27360>. Acesso em: 26 set. 2025.

NOTAS

¹ Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Na universidade, integrou o jornal O Casarão, a web rádio Nas Ondas do IACS e o projeto de pesquisa Série Clube. Atuou como estagiária de redação no jornal Errejota Notícias e de assessoria de imprensa na Superintendência de Comunicação Social da UFF. Em 2023, participou do programa de mobilidade acadêmica internacional na Dankook University, na Coreia do Sul. Atualmente, é colaboradora voluntária do site Café com Kimchi e atua como Analista de Comunicação e Produção de Eventos Jr. na Coordenadoria de Gestão de Eventos na Prefeitura Municipal de Niterói. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1681-7149>. E-mail: julianapalmeirim@id.uff.br.

² Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro -UERJ, Brasil (2022). Mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Brasil (2011). Professora associada do Departamento de Comunicação Social na Universidade Federal Fluminense. Professora permanente do Programa de Pós Graduação Mídia e Cotidiano - PPGMC da Universidade Federal Fluminense. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0067-0421>. E-mail: brittohelen@id.uff.br

³ Na Coreia do Sul, entre 1418 e 1450, ele foi responsável por promover uma série de inovações no país, em especial a criação do alfabeto coreano: o 한글 (*Hangul*).

⁴ A Studio Dragon Corporation é uma empresa televisiva sul-coreana responsável por dramas de sucesso como 더 글로리 (*The Glory*, 2022), 사이코지만 괜찮아 (*It's Okay to Not Be Okay*, 2020) e 사랑의 불시착 (*Crashing Landing on You*, 2019).

⁵ "Oppa" é um termo em coreano usado por garotas para se referir de forma carinhosa a irmãos mais velhos ou a namorados.